

26/4/98
07
DESP
C-10

Vila em Paranapanema volta aos dias de boa pesca

Pescadores do Bairro da Ponte comemoram fim da escassez e planejam novas conquistas

JOSÉ MARIA TOMAZELA

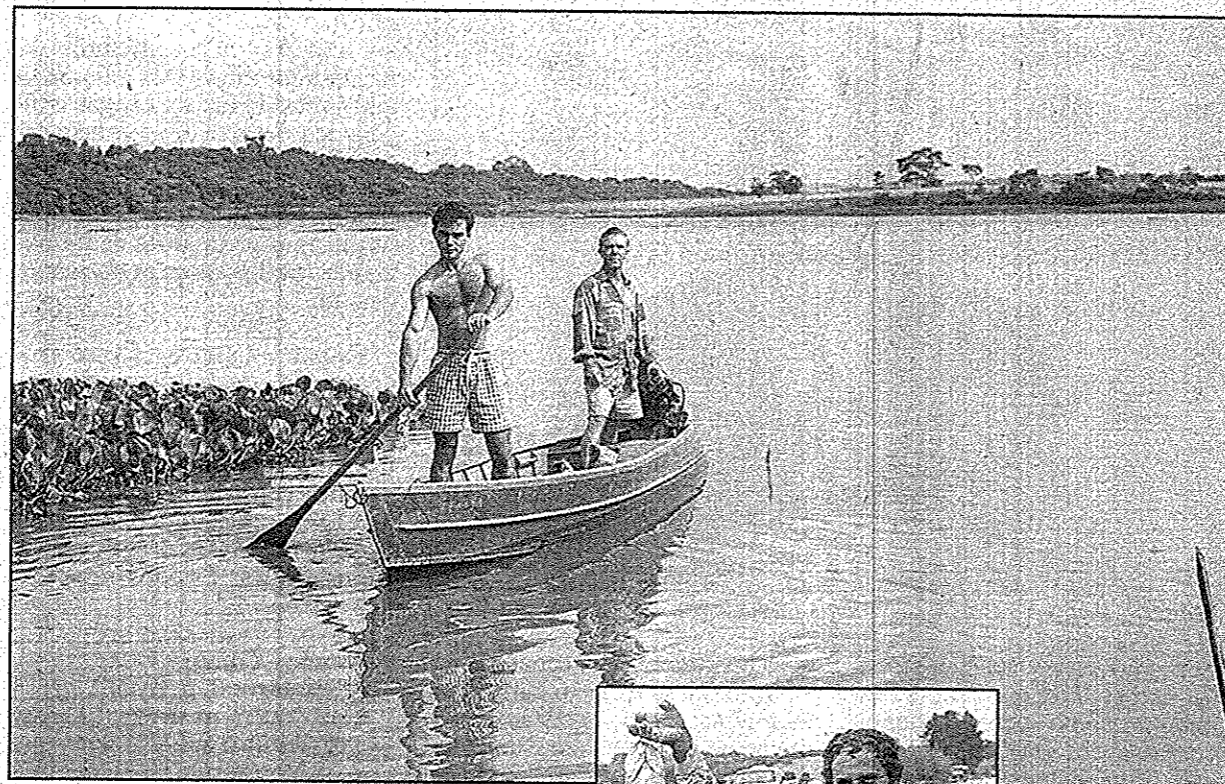
PARANAPANEMA – O pescador Carmo Pereira dos Santos, de 64 anos, já tem para quem deixar o barco e a tralha quando resolver aposentar-se. O filho Nilson, de 34 anos, desistiu do emprego numa oficina mecânica para continuar o trabalho que o pai herdou do avô. A família sempre viveu da pesca artesanal no Rio Paranapanema, mas, há alguns anos, a escassez de peixes e a falta de perspectivas tinham empurrado o filho para a cidade. Nilson voltou para ficar. “Não há trabalho melhor.”

No Bairro da Ponte, vila de pescadores do município de Paranapanema, sudoeste do Estado, não se fala em outra coisa senão nos cardumes de corimbatás, piavas e pacus que estão de volta ao rio.

No fim da década passada, eram peixes raros. Até a traíra e o mandi andavam escassos. “Por causa da lei ambiental, diminuiu muito a pesca predatória, com redes de arrastão e malha fina”, diz Joel Machado Marques, de 47 anos, um dos líderes do lugar. Outro fator, segundo ele, é a boa qualidade das águas, mantida à custa da mobilização das populações ribeirinhas contra a instalação de indústrias na bacia.

Marques acha que os pesque-paques também contribuíram para a abundância de peixes. Além de reduzir a concorrência dos pescadores de fim de semana nos rios, propiciaram maior oferta de alevinos (filhotes de peixes) para soltura nos mananciais. A Companhia Energética de São Paulo (Cesp) solta com regularidade filhotes de pacus e tilápias no lago formado pela Represa de Jurumirim, no Paranapanema. Há também dourados e, com sorte, pode-se fisgar um pintado ou um peixe diferente. O pescador Vitor Hugo pegou uma carpa de 9,5 quilos.

As espécies reproduzem-se, so-



Marques (acima) e o filho estão de volta ao rio; ao lado, Santos vende peixes na SP-127 a preços muito mais baixos do que nas cidades – eles variam de R\$ 2,00 a R\$ 2,50 o quilo

bem o rio e fazem a alegria dos pescadores. “Estamos pedindo para a Cesp soltar também a corvina, que se alimenta de piranhas”, diz Marques. A piranha é um dos maiores predadores do rio e um suplício para os pescadores: rasga a rede e oferece o risco dos dentes afiados. “A gente se vinga fazendo uma sopa deliciosa com elas”, conta o filho, o também pescador Nivaldo dos Santos Marques, de 23 anos.

Progresso – Na vila dos pescadores, que há 30 anos não tinha mais que três casebres, os sinais do progresso são evidentes. Já são 60 casas de alvenaria. “A minha, eu mesmo construí com a família”, conta Marques. Em 26 anos de pesca, ele e a mulher, Elisa, também pescadora profissional, criaram os dois filhos. A caçula, Ana Paula, de 8 anos, já ajuda a mãe a lidar com os peixes.

Uma quadra de futebol, um barracão de festas e 11 barracas para

venda de pescado são outras conquistas. Cerca de 80% da produção diária, estimada em 300 quilos, é vendida ali mesmo, na beira da Rodovia Raposo Tavares. Mas há quem vá para outras estradas, como João Laércio dos Santos, que vende peixes na SP-127, perto de Itapetininga. O quilo de peixe fresco varia de R\$ 2,00 a R\$ 2,50.

Os pescadores do Bairro da Ponte estão se unindo para formar uma cooperativa e, por meio dela, pretendem obter financiamentos do Programa Nacional da Agricultura Familiar (Pronaf). Os moradores querem também criar alternativas de trabalho para o período da entressafra do rio, que coincide com o inverno. “Pretendemos fazer hortas em estufas e pequenas criações, como a minhocultura”, diz Marques.

Os pescadores querem que a Cesp apresse a construção de uma



escada para peixes na barragem da represa. As obras estão previstas para este semestre. Outro problema é o alto custo da energia elétrica. Enquanto

do outro lado do rio a Cesp cobra de R\$ 1,90 a R\$ 3,00 pelo consumo de até 50 quilowatt/hora, no bairro a energia fornecida pela Cooperativa de Eletrificação Rural de Itai, Paranapanema e Avaré sai a R\$ 16,40 por 90 quilowatt/hora.

O problema é que a cooperativa compra a energia e repassa aos consumidores, embutindo seus custos. Os pescadores acham que chegou a hora de estudar saídas para uma redução.

Piquira – A principal data no calendário da vila é a Festa da Piquira, realizada em janeiro há quatro anos. Piquira é o nome dado a um peixinho semelhante à manjuba, comum só naquela parte do rio. A festa dura três dias e o prato principal – piquira frita – é servido de graça.